O PRECONCEITO LINGUÍSTICO: RELAÇÃO PROFESSORES, ALUNOS E ENSINO

Adriely Alberty Richert Gomes de Almeida (Graduanda) – UEPG
Aarga90@hotmail.com
Valeska Gracioso Carlos (Doutora – Orientadora) – UEPG
vagracioso@gmail.com

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento Estudo da Linguagem

Linguística, Letras e Artes
Sociolinguística e Dialetologia

Palavras-chave: Língua; Variedades Linguísticas; Preconceito Linguístico; Escola.

Resumo
A língua, vista como social, pode variar de acordo com a região geográfica, classe social, idade ou sexo/gênero de seus falantes. Essas diferentes variedades muitas vezes não são aceitas pela sociedade por se distanciar do padrão exigido em situações formais de interação. Nessas situações pode surgir o "preconceito linguístico" que se baseia na crença de que só existe uma única língua a que é ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogadas nos dicionários. Conforme Bagno (2012) o preconceito linguístico, na maioria das vezes, decorre de um preconceito social que pode estar relacionado, por exemplo, com classes sociais baixas ou com pouco/nenhum nível de escolaridade. Tentando descontruir paradigmas, este estudo tem por objetivo elencar algumas razões do fracasso escolar, advindas desse preconceito, pois segundo Calvet (2002) o principal responsável pelo fracasso escolar do aprendizado é exatamente o conflito cultural. A motivação acerca da pesquisa deriva de o fato de esta pesquisadora ser filha de agricultores com baixa escolaridade e de suas dificuldades em aprender a língua padrão ao entrar na escola.

Introdução

Esta pesquisa procura investigar o fenômeno chamado variação linguística presente no Brasil, com o intuito de esclarecer alguns conceitos históricos acerca da língua, que vem sendo refletida na educação escolar e muitas vezes tornando-se o motivo do fracasso escolar. Tentando desconstruir o paradigma mais antigo relacionado a língua, o da gramatica tradicional no tempo, que para muitos professores ainda é ela que dita as regras nas aulas de língua portuguesa, como se a gramatica determinasse o que é língua e não ao contrário. Através disso, surge o fracasso escolar, pois muitos professores ainda não reconhecem a existência de muitas variedades linguísticas e deixam de ensinar a língua viva tal como ela é, passando a não identificar ou seguir as propostas pedagógicas presentes nos materiais oficias destinados à educação, referente ao ensino de língua. Tais conceitos são recentes e atualizados e em seguida serão apresentados pelo autor. É possível também analisar suas complexidades e apontar algumas posturas que os docentes deveriam ou devem adotar com relação ao ensino, no que se refere a língua. Segundo Bagno:

> O compromisso do educador é, antes, com a formação do aluno, com o desenvolvimento de suas capacidades tanto de reflexão sobre

> a linguagem quanto de uso crítico da língua. E na medida que a língua e linguagem são partes indissociável de nossa forma de ser e de viver, da história individual e coletiva de todos nós, a educação linguística não pode deixar de se ocupar-se do maior número possível de suas facetas, em especial aquelas mais envolvidas na vida social (BAGNO, 2007, p. 15).

Assim sendo, faz-se necessário que o professor faça algumas percepções do conjunto de fatores que podem exercer grande influência no processo de ensino. Um dos fatores é decorrente do uso da língua. As adversidades encontradas no fracasso escolar são inúmeras, algumas delas são desconhecidas, pouco faladas ou deixadas de lado, como é o caso do preconceito linguístico. No Brasil encontramos uma diversidade cultural linguística muito grande e, com isso, o nosso idioma sofre muitas mudanças em algumas regiões.

Material e Métodos

A pesquisa foi desenvolvida basicamente em duas etapas, de início foi dado sequência na pesquisa bibliografia ministrada com base em leituras de livros, artigos, revistas etc., que foi realizada no ano de 2018. Desse modo, a pesquisa bibliográfica permitiu a pesquisadora um conhecimento mais detalhado sobre o assunto em questão.

Em seguida foi feito um levantamento de dados no que se referem as escolas e a formação de professores, evidenciando o que os teóricos consideram de extrema importância para formação de professores, e para as escolas como um todo no que tange a língua.

Por fim, atingido o objetivo da conscientização da escola e professores a respeito do preconceito linguístico, através da publicação posterior da pesquisa.

Resultados e Discussão

Esta análise procura demonstrar a necessidade de reflexão e crítica ao ensinar língua na escola. Os professores precisam tomar algumas mudanças de atitudes para que haja uma minoração do preconceito linguístico. Este trabalho é fundamental para o combate a descriminação linguística e primordial para a competência comunicativa dos aprendizes. Após as reflexões de cunho histórico a fluidez da língua no tempo, se faz necessário explicitar algumas propostas que a educação linguística moderna sustenta, quando se trata do ensino da língua nas escolas. Segundo Marcos Bagno:

> [...] O reconhecimento da existência de muitas normas linguísticas diferentes é fundamental para que o ensino em nossas escolas seja consequente com o fato comprovado de que a norma linguística ensinada em sala de aula é, em muitas situações, uma verdadeira “língua estrangeira” para o aluno que chega à escola proveniente de ambientes sociais onde a norma linguística empregada no quotidiano é uma variedade de português não-padrão (BAGNO, 2002, p.18-19).

Bagno, a partir da citação, salienta a importância de algumas questões que a educação linguística moderna sustenta ao ensinar língua na escola, permitindo e incentivando o letramento dos alunos inserindo esses sujeitos na cultura letrada. A educação linguística moderna tenta trazer para a sala de aula a língua viva,

trabalhando com a realidade dos indivíduos como, por exemplo, jornal, revista, internet, televisão, etc.

> A sociolinguística se interessa pelo comportamento social que a norma padrão pode provocar. De fato, ela pode desenvolver dois tipos de consequências sobre o comportamento linguístico: uns se referem ao modo como os falantes encaram a própria língua, outros se referem às reações dos falantes ao falar dos outros. (CALVET, 2002, p. 69).

Conforme Calvet, isso depreende-se que é responsabilidade da escola tomar consciência da existência das variedades linguísticas, valorizar e respeitar os diversos falares que permeiam o espaço escolar e do valor histórico que carrega.
Com esta pesquisa é possível comprovar que ainda há muito preconceito linguístico por parte dos alunos, com relação às pessoas que fazem uso de um dialeto não prestigiado pela sociedade, e a necessidade de que a escola possa assumir o papel de mostrar que existe uma norma que é tida como padrão, porém deve evidenciar o respeito às variantes e capacitar os educandos a utilizar essas variações linguísticas em função das diferentes situações.
A língua muitas vezes torna-se um veículo de preconceito e exclusão. Quando apontamos o erro na fala do outro reforçamos a desigualdade social. Devemos salientar que a escola deve com certeza ensinar a norma culta, pois o aluno precisa dominar outras variedades linguísticas, visto que ele já possui um conhecimento prévio da língua quando chega à escola, mas precisa aprender a adequar o uso da língua a diferentes situações de interação social (GÖRSKI & COELHO, 2009). Assim, não havendo razões para discriminação que se apropriam de dialetos considerados “não-padrão.”
Através da pesquisa pretende-se conscientizar as escolas da importância de conhecer outras variedades linguísticas existentes e a importância da valorização e respeito para com essas variantes; analisar quais discussões acerca da língua, vem sendo abordadas a respeito da formação de professores, tendo em vista que o sucesso da base curricular depende da formação do professor, tomando como base a minha busca por uma formação como professora; dar continuidade ao trabalho de pesquisa realizada no ano de 2018, com base em livros que abordam sobre o tema preconceito linguístico; e explorar teses e dissertações, investigando como o preconceito linguístico vem sendo abordado na escola, e quais as sugestões de teóricos que tratam o tema, levantando hipóteses para amenizar o preconceito linguístico.

Conclusão

A linguagem abre possibilidades para o indivíduo criar, nomear, comunicar-se e transformar o universo, dessa forma, ela é interação social. Portanto, a escola deve ensinar a norma culta, pois o aluno deve dominar outra variedade linguística, visto que ele já possui um conhecimento prévio da língua quando chega à escola, mas também precisa aprender a adequar o uso da língua em diferentes situações de interação social. Além disso, neste trabalho procuramos apontar a responsabilidade da escola da tomada de consciência da existência das variedades linguísticas, valorizar e respeitar os diversos falares que permeiam o espaço escolar, do valor histórico que carrega. Assim, a escola deve permitir condições para a formação de

cidadãos críticos, capazes de atuar com competência comunicativa na escola e na sociedade como um todo.

Agradecimentos
Gostaria de agradecer primeiramente a Deus pelo apoio a esta pesquisa, as instituições de financiamento e fomento, a Fundação Araucária, a UEPG e a minha orientadora Valeska Gracioso Carlos. A todos meu muito obrigado.

Referências

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2008.

_____. **Não é errado falar assim**! Em defesa do português brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução Crítica**. São Paulo: Párabola Editorial, 2002.

GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl. Variação linguística e ensino de Gramática. **Work. Pap. Linguist.,** 10(1): 73-91, Florianópolis, jan./jun., 2009.